

Saúde reconhece

30% dos atendentes de hospitais não têm preparo, pondo em risco a vida dos doentes

SÔNIA SILVA

BRASÍLIA — Trinta por cento dos funcionários que atendem à população em hospitais públicos e privados não possuem qualificação profissional, pondo em risco a vida dos pacientes, segundo dados do próprio Ministério da Saúde. Contratadas como atendentes, cerca de 500 mil pessoas no País acabam assumindo funções como as de auxiliares de enfermagem e de laboratório. "A pessoa entra para o hospital limpando o chão e acaba aplicando soro ou medicamentos, tendo como única escola a observação ou treinamento primário", denunciou a diretora da Coordenação de Recursos Humanos para o Sistema Único de Saúde (SUS) do ministério, Joana de Azevedo Silva.

Baratear custos —

"Hospitais admitem esse pessoal e não realizam um processo de qualificação interna", afirmou a diretora. De acordo com Joana, principalmente no interior no País inexistente a estrutura para formação profissional, o que agrava a situação.

Técnicos do Ministério da Saúde afirmaram que o problema ocorre também nos grandes centros urbanos e que a contratação de pessoas desqualificadas pode ser um meio encontrado pelos hospitais para baratear seus custos. Dos

500 mil "atendentes" que exercem funções, 68% trabalham na rede hospitalar e o restante em ambulatórios.

O assunto será tema da II Conferência de Recursos Humanos para a Saúde, na próxima semana, em Brasília. Segundo a diretora, o ministério está preocupado em estudar alternativas para o problema sem criar prejuízos ao atendimento. "Queremos que diretores de hospitais, funcionários e usuários assumam seus papéis, lutando para a qualidade do atendimento", afirmou a diretora de Recursos Humanos do ministério.

Uma solução, sugeriu Joana de Azevedo Silva, é a criação de cursos, por intermédio de ensino supletivo, dentro dos próprios hospitais. "Desta forma, não seria necessário demitir os atendentes, prejudicando ainda mais o serviço", afirmou a diretora.

Salários — O seminário também vai discutir salários e sua influência na concentração de profissionais de nível superior nas regiões mais ricas. Sessenta por cento dos

quase 150 mil médicos do País estão na Região Sudeste.

De acordo com o ministério, um terço desses profissionais encontra-se no Rio de Janeiro, embora a população de menor renda reclame da falta de atendimento. "Os médicos preferem hospitais em áreas nobres do Estado, mas há também o problema do profissional que tem a atuação sacrificada pela obrigatoriedade de ter mais de um emprego", disse a diretora de Recursos Humanos.

**MUITOS
COMEÇAM
LIMPANDO O
CHÃO E
ACABAM
APLICANDO
SORO**

LEVANTAMENTO

desqualificação profissional